

Economia Brasil
077
Reportagem 0061

Governo pode criar nova moeda para desindexar a economia

RODOLFO FERNANDES e SERGIO LEO

BRASÍLIA — A criação de uma nova moeda, estável, é uma das propostas em discussão pela equipe econômica, para garantir a desindexação da economia. Ela faria parte das medidas de combate à inflação a serem anunciadas pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, evitando assim medidas de surpresa ou a ruptura de contratos em vigor. Num primeiro momento, a nova moeda conviveria com o cruzeiro real, estabelecendo-se um padrão de troca.

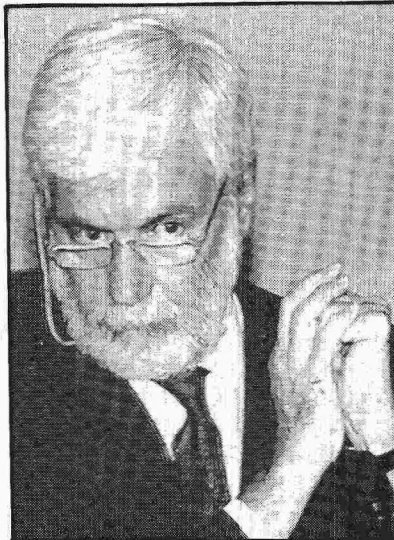
Fernando Henrique não quis dar detalhes sobre os planos da equipe, dizendo apenas que a criação da nova moeda é uma das opções em estudo.

— Talvez em outubro, dependendo do avanço do ajuste fiscal, possamos discutir as alternativas para desindexar a economia. Essa, da moeda, é uma das várias hipóteses — informou.

Se aprovada pela equipe, a criação da nova moeda seria anunciada previamente e submetida à aprovação do Congresso. Para garantir sua estabilidade, a emissão da moeda seria controlada por um comitê independente, composto de pessoas de reconhecida credibilidade.



André: estudos para fortalecer moeda



Bacha: não haverá efeito surpresa



Fernando Henrique: uma hipótese

A proposta é baseada nas idéias dos economistas André Lara Resende e Francisco Lopes, que, nos últimos anos, têm se dedicado a elaborar sugestões para aumentar a credibilidade da moeda. O cruzeiro real, contaminado pela inflação, teria perdido suas funções de reserva de valor e de unidade de conta.

Para assegurar a credibilidade, os economistas do Governo consideram fundamental a adoção de medidas no campo fiscal, como a aceleração do programa

de privatização. Essas medidas se destinam a mostrar à sociedade que o Governo não vai precisar financiar suas contas através da emissão de moeda sem lastro, o que desvalorizaria o recém-criado padrão monetário.

Na avaliação dos economistas, a confiança na nova moeda faria com que ela rapidamente se transformasse no principal indexador da economia. Seria permitida a assinatura de contratos vinculados à nova moeda — o que não acontece com o dólar.

Dessa forma, a população abandonaria contratos vinculados a índices de preços.

O lançamento da nova moeda — que não entraria em circulação imediatamente — depende de fatores políticos e técnicos: de um lado, o Governo está sendo pressionado por seus aliados no Congresso, o PMDB e o PSDB, a apresentar rapidamente uma solução para a alta da inflação. De outro, a pressa no lançamento pode comprometer a credibilidade do plano de estabilização.

Taxas de juros poderiam subir com a reforma monetária

JOÃO BORGES

BRASÍLIA — Um dos efeitos colaterais imediatos de um plano de estabilização, que inclua a criação de nova moeda, pode ser um forte aumento das taxas de juros e uma redução temporária das atividades econômicas. A oferta da nova moeda seria restrita e, por ter credibilidade, a tendência é de que todos correm para essa nova moeda, pressionando as taxas de juros. O aumento dos juros é uma constante dos planos de estabilização adotados para combater uma inflação crônica.

A equipe do ex-ministro Paulo Haddad, que planejava um choque com base num forte controle da moeda e redução dos gastos públicos, fez simulações indicando que as taxas de juros poderiam chegar a 60% reais ao ano nos três primeiros meses de vigência do plano.

— Todos sabem que o crescimento da economia não se sustenta com uma inflação em alta, como a nossa. Caberá ao ministro Fernando Henrique convencer o presidente Itamar de que poderemos ter uma desaceleração temporária das atividades econômicas, mas que esse é um

preço a pagar para chegarmos à estabilidade — afirma um dos principais colaboradores do ministro da Fazenda.

Juros altos e recessão não soam bem aos ouvidos do presidente Itamar Franco. Mas equipe econômica aposta que Itamar seria sensível aos argumentos de que vale a pena enfrentar esses problemas para alcançar a estabilidade da economia, criando condições para um novo ciclo de crescimento. A redução das taxas de juros se daria à medida em que a economia se adaptasse à nova moeda, libertando-se dos mecanismos de indexação.

A credibilidade da nova moeda

dependeria da aprovação de um orçamento equilibrado, o que exigiria uma duríssima negociação com o Congresso Nacional. Como não há receita para bancar os gastos previstos na proposta orçamentária enviada ao Congresso, a equipe econômica se prepara para a tarefa de convencer os parlamentares de que, sem corte de despesas, não haverá chance de queda da inflação.

— Não podemos partir do princípio de que os parlamentares preferem a inflação e não vão aprovar um orçamento equilibrado — afirma o assessor do ministro Fernando Henrique Cardoso.

Linguagem cifrada da equipe dá pistas sobre o plano

BRASÍLIA — Pela primeira vez nos últimos anos, um plano econômico poderá honrar a palavra das autoridades econômicas. Tudo o que está sendo negado pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e seus assessores não deverá realmente acontecer. Da mesma forma, a chave do plano de estabilização está em palavras dos próprios membros da equipe.

O rastreamento das frases das autoridades econômicas fornece indicações claras do que será e do que não será feito para esta-

bilizar a economia. Não haverá um choque clássico, com confisco de ativos financeiros e mudanças compulsórias das regras contratuais. Não haverá também a dolarização ou prefixação de preços e salários. Mas se não vai fazer nada disso, o ministro Fernando Henrique Cardoso promete uma "paulada" para acabar com a inflação. Numa outra oportunidade, falou em "aposta forte" na estabilização.

A equipe econômica dá indicações interessantes do que vem por aí. Fernando Henrique, por

exemplo, sempre insistiu na expressão "orçamento verdade" para dizer que é necessário ter um orçamento com base em uma moeda estável, não sujeita à corrosão inflacionária. O negociador da dívida externa, André Lara Resende, e o presidente do BNDES, Pêrsio Arida, têm ideias conhecidas. O primeiro escreveu um artigo em que afirma que "sem moeda forte, não se tem nada" e que não há estabilidade de preços sem credibilidade monetária. Já Arida chegou a dizer que faria um novo Plano Cruza-

do, mas sem congelamento.

O assessor especial Edmar Bacha ilustra a decisão de antecipar as medidas de estabilização, descartando o efeito surpresa que caracterizou planos anteriores, com a seguinte frase:

— Concorde que a sociedade ainda não foi informada com clareza sobre o nosso plano de vôo. Nós temos esse plano e vamos anunciá-lo no momento oportuno, reafirmando que o plano será anunciado previamente e será executado em etapas.

Economia Brasil
077
Reportagem 0062Economia Brasil
077
Reportagem 0063